VOZES DA BAIXADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA AMOSTRA DE FALA COM MUNICÍPIOS DA BAIXADA FLUMINENSE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Voices of Baixada: The Construction of a New Speech Sample with cities of Baixada Fluminense State of Rio de Janeiro

GABRIEL MAGALHÃES DA SILVA GREGÓRIO
Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Mestre em Linguística.
Doutorando em Linguística.
Orcid: https://orcid.org/0009-0008-3973-7946

ANA CLARA ORRICO CARVALHO
Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Mestre em Letras Vernáculas.
Doutoranda em Letras Vernáculas.
Orcid: https://orcid.org/0009-0004-8100-5563

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever os processos de construção de uma nova amostra de fala coletada a partir de entrevistas sociolinguísticas (cf. Labov, 1972) de falantes nativos e residentes no território conhecido como Baixada Fluminense, localizado no estado do Rio de Janeiro. Tendo em vista que as amostras de fala construídas a partir da década de 1970 retratam majoritariamente indivíduos da classe média, residentes na capital do Estado do Rio de Janeiro, esta nova amostra busca ampliar o panorama de estudos sociolinguísticos incluindo uma região pouco documentada pela literatura acadêmica e composta por diferentes perfis sociais. Dessa forma, são descritas as técnicas e metodologias utilizadas na coleta de dados, assim como são apresentados os resultados de uma análise preliminar do uso variável de /s/ em coda silábica com dados coletados a partir dessa nova amostra. Para tanto, a construção desse banco de dados adotou os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e da Mudança (Weinreich, Labov e Herzog, 1968), concebendo que o sistema linguístico é heterogeneamente ordenado e a variação é motivada por fatores estruturais e sociais em consonância com as técnicas descritas

por Labov no que se refere à gravação de entrevistas sociolinguísticas. Os resultados preliminares evidenciam que, apesar de residirem em um território periférico, os falantes da nova amostra parecem compartilhar as normas linguísticas de falantes com inserção social da capital carioca, o que pode indicar que o contato desses indivíduos com a escola e com os meios de comunicação contribui para o compartilhamento de normas linguísticas e sociais.
Palavras-chave: Baixada Fluminense; Nova Amostra de Fala; Variação e Mudança Linguística.

Abstract: This article aims to describe the construction processes of a new speech sample collected from sociolinguistic interviews (cf. Labov, 1972) with native speakers residing in the region known as Baixada Fluminense, located in the state of Rio de Janeiro. Considering that speech samples compiled since the 1970s predominantly portray middle-class individuals living in the capital city of Rio de Janeiro, this new sample seeks to broaden the scope of sociolinguistic studies by including a region that is underdocumented in academic literature and comprises diverse social profiles. Accordingly, we describe the techniques and methodologies used in data collection and present the results of a preliminary analysis of the variable use of /s/ in syllable coda based on data from this new sample. To this end, the database construction adopted the theoretical principles of Variationist Sociolinguistics (Weinreich, Labov, & Herzog, 1968), operating under the premise that the linguistic system is heterogeneously ordered and that variation is driven by both structural and social factors, in line with the techniques described by Labov for recording sociolinguistic interviews. The preliminary results show that, despite living in a peripheral territory, the speakers in the new sample appear to share the linguistic norms of socially integrated speakers from the state capital. This may indicate that these individuals' contact with formal education and mass media contributes to the alignment of shared linguistic and social norms.
Keywords: Baixada Fluminense; New Speech Sample; Linguistic Variation and Change.

INTRODUÇÃO

A Teoria da Variação e Mudança, proposta originalmente por Weinreich, Labov e Herzog na década de 1960, postula que o componente social tem um papel determinante no uso linguístico dos falantes de uma determinada comunidade de fala. Fatores macrossociais como sexo, idade, classe social e escolaridade, influenciam a produção de determinadas variantes, assim como na avaliação dessas formas pelos próprios falantes. Desse modo, rompendo com a visão clássica de língua adotada pelas teorias tradicionais, a variação passa a ser tratada não como periférica ao sistema, mas inerente, sistemática e previsível, sendo um dos componentes centrais à investigação

linguística. A língua está em constante transformação, impulsionada pela interação entre diferentes variantes no interior de uma comunidade de fala. A mudança linguística não ocorre de maneira abrupta ou caótica, mas segue padrões regulares influenciados tanto por fatores internos da língua quanto por elementos sociais e históricos. A competição entre variantes é um processo natural e previsível, no qual determinadas formas linguísticas se fortalecem ou enfraquecem dependendo de variáveis como prestígio social, grau de escolaridade e contato entre grupos distintos. Tendo em vista esses pressupostos, a investigação sociolinguística de comunidades de fala heterogêneas e pouco estudadas é primordial para entendermos a realidade linguística que muitas vezes não são objetos de estudos científicos.

Contudo, desde a década de 1970, as amostras de fala constituídas para estudos sociolinguísticos são compostas, majoritariamente, por indivíduos de diferentes setores da classe média que residem em grandes centros urbanos. Essas amostras têm sido fundamentais para a compreensão da variação e mudança linguística, mas acabam por refletir uma visão limitada da diversidade linguística. Sobre o território do estado do Rio de Janeiro, algumas amostras se destacam nesse contexto, como as Amostras Censo 1980 e Censo 2000, desenvolvidas pelo Programa de Estudos sobre Usos da Língua (PEUL/UFRJ), que se concentram em entrevistar falantes de diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro, estratificados por sexo, faixa etária e escolaridade. Outro exemplo relevante é a Amostra NURC, do Projeto Norma Culta Urbana (UFRJ), que teve início em 1969 e buscou coletar dados de língua oral culta nas cinco principais capitais brasileiras, incluindo o Rio de Janeiro. Além dessas, o projeto Discurso e Gramática (UFRJ), também contribuiu para a formação de um corpus que reflete a fala de indivíduos que mantêm uma relação próxima com as instituições responsáveis por moldar os valores linguísticos considerados de prestígio como as escolas e os meios de comunicação . Esses projetos, embora tenham sido essenciais para o avanço dos estudos sociolinguísticos no Brasil, acabam por retratar a fala de indivíduos que residem em grandes centros urbanos e que, em muitos casos, estão inseridos em contextos socioeconômicos e culturais específicos da classe média urbana.

Visando preencher essa lacuna nos estudos sociolinguísticos, nos anos de 2008 e 2009, foi constituída a Amostra EJLA (PEUL/UFRJ), composta por 14 indivíduos. Todos os participantes eram do sexo masculino, tinham entre 14 e 20 anos e, no momento das entrevistas, estavam internados em uma instituição pública no estado do Rio de Janeiro, cumprindo medida socioeducativa devido à prática de atos infracionais. Eram, em sua maioria, moradores de favelas e não tinham acesso à educação formal,

o que os colocava em uma condição de exclusão social. Posteriormente, entre os anos de 2010 e 2011, foi formada a Amostra Fiocruz, composta por 24 indivíduos de ambos os sexos, com idades entre 17 e 20 anos na época das entrevistas. Diferentemente da Amostra EJLA, todos os participantes dessa nova amostra estavam cursando o Ensino Médio em escolas públicas, embora também fossem residentes em favelas. Dessa forma, ao reunir duas amostras com perfis distintos, mas socialmente vulneráveis, os estudos possibilitaram uma análise mais ampla das condições sociolinguísticas desses grupos, permitindo compreender como o contexto de exclusão e acesso à educação pode influenciar suas práticas linguísticas.

Sendo assim, é importante considerar que a vulnerabilidade social não se restringe apenas às favelas do Rio de Janeiro, mas se estende a outras regiões periféricas, como a Baixada Fluminense, localizada às margens da cidade do Rio de Janeiro. Essa região é composta por treze municípios, possui uma vasta extensão territorial, abarcando espaços com características urbanas e rurais; e um grande número populacional, representando cerca de 23% da população de todo o estado (SEBRAE, 2014). Além disso, sua formação sócio-histórica permite que ela seja classificada não só como uma periferia geográfica, por conta de sua localização, mas também como uma periferia social, refletindo as desigualdades estruturais presentes no Brasil e os processos de marginalização que não apenas impactam as condições de vida da população, mas também influenciam a maneira como suas práticas linguísticas são percebidas e avaliadas. Dessa forma, a ausência de um mapeamento sociolinguístico abrangente da Baixada Fluminense tem implicações significativas. A estigmatização da fala dos moradores dessa região está diretamente ligada a processos mais amplos de preconceito linguístico, nos quais variedades não alinhadas à norma-padrão são socialmente desvalorizadas.

Embora a Baixada Fluminense seja uma região extensa e marcada pela diversidade de perfis sociais, sua dinâmica sociolinguística ainda é pouco explorada em pesquisas acadêmicas. Entre as poucas iniciativas que buscaram mapear o perfil sociolinguístico dos falantes da região, destacam-se a Amostra Concordância (2009-2011) e o Projeto Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística (2015-2016, em sua fase piloto), ambos focados no município de Nova Iguaçu. Esses estudos representam esforços fundamentais para a compreensão das práticas linguísticas da população local, porém, ainda há uma grande lacuna a ser preenchida. Entretanto, a ausência de um mapeamento mais abrangente dificulta a análise aprofundada das influências sociais, econômicas e culturais sobre a variação linguística na Baixada Fluminense.

Portanto, a Amostra Baixada-RJ (PEUL/UFRJ) surge como um esforço para preencher essa lacuna, buscando compreender, de maneira mais ampla, como se dá o comportamento linguístico dos falantes nativos e residentes dessa região. Mais do que documentar variações linguísticas, a amostra servirá para investigar a identidade linguística dos moradores da Baixada Fluminense e as representações sociais associadas à sua fala. Ao incluir essa realidade no escopo da análise sociolinguística, a pesquisa contribui para um entendimento mais inclusivo da diversidade linguística do Rio de Janeiro, valorizando vozes historicamente marginalizadas e ampliando a compreensão sobre as relações entre língua, território e identidade.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No final dos anos 1960, o texto seminal de Weinreich, Labov e Herzog (1968), *Empirical foundations for a theory of language change,* propôs um modelo teórico que rompia com a visão tradicional da linguística estruturalista e gerativista ao incluir o componente social como parte constitutiva das explicações para fenômenos linguísticos. A partir desse marco, a Teoria da Variação e da Mudança (doravante TVM), passou a ser uma referência fundamental para a análise de comunidades de fala em contextos heterogêneos.

A TVM propõe que a variação é uma propriedade inerente às línguas naturais, e não um aspecto a ser ignorado ou tratado como exceção. Esse pressuposto contrasta diretamente a ideia de um sistema linguístico homogêneo, tal como concebido por Saussure (1916), em sua obra *Cours de linguistique générale,* e Chomsky (1965) em sua teoria do falante ideal. Labov (1972) defende que a investigação linguística deve se concentrar não no falante ideal, mas no falante real, considerando os condicionamentos sociais que influenciam suas escolhas linguísticas. Desse modo, a variação linguística não é aleatória, mas sistemática e previsível, podendo ser descrita e explicada com base em fatores linguísticos (intrínsecos ao sistema) e sociais (extrínsecos ao sistema).

Para Weinreich, Labov e Herzog (1968), cinco questões fundamentais devem ser consideradas na investigação sociolinguística: (i) o problema dos fatores condicionantes, que busca identificar os fatores que condicionam a variação; (ii) o problema da transição, que investiga como a variação evolui para uma mudança efetiva; (iii) o problema do encaixamento, que analisa como a variação se relaciona com a estrutura linguística e social; (iv) o problema da avaliação, que examina as atitudes dos falantes

em relação às variantes; e (v) o problema da implementação, que busca entender por que uma dada mudança ocorre em um momento específico e não em outro.

O problema dos fatores condicionantes refere-se à identificação dos fatores linguísticos e sociais que limitam ou incentivam a escolha de uma variante linguística em detrimento de outra. Cabe ao linguista investigar essas restrições a fim de descrever os padrões sistemáticos de variação. O problema da transição investiga como a variação linguística se transforma em mudança efetiva ao longo do tempo. Isso envolve compreender se a mudança ocorre de forma gradual ou abrupta e como as formas inovadoras passam a substituir as tradicionais. Já o problema do encaixamento aborda duas dimensões principais: o encaixamento na estrutura linguística, quando uma mudança em uma parte da gramática desencadeia outras alterações, e o encaixamento na estrutura social, que relaciona mudanças linguísticas a fatores sociais, como gênero ou faixa etária.

O problema da avaliação concentra-se na percepção dos falantes em relação às variantes linguísticas. Muitas vezes, as variantes inovadoras são inicialmente inconscientes para os falantes, mas, em estágios avançados, podem ser avaliadas positivamente (prestigiadas) ou negativamente (estigmatizadas). Por fim, o problema da implementação busca entender por que uma determinada mudança ocorre em um momento específico da história linguística e não em outro. Isso envolve considerar a interação entre fatores sociais e linguísticos que impulsionam ou restringem a disseminação de uma mudança, ou seja, como ela é implementada no sistema linguístico considerando os fatores descritos.

Nesse sentido, a Sociolinguística variacionista parte do princípio de que os fatores sociais têm um papel determinante na escolha linguística. Variáveis como gênero, faixa etária, nível de escolaridade, ocupação e contexto de interação influenciam diretamente os usos linguísticos dos falantes. Estudos clássicos, como o de Labov em Nova York (1972), demonstram que as variantes linguísticas podem ser estratificadas socialmente, com algumas formas sendo associadas a maior prestígio e outras a estigmas. Dentro dessa perspectiva, a coleta de dados em comunidades de fala torna-se uma etapa crucial para a descrição e análise dos fenômenos linguísticos. As entrevistas sociolinguísticas, concebidas para capturar o vernáculo — definido por Labov (1972) como a forma menos monitorada da fala de um indivíduo —, são essenciais para entender a dinâmica da variação e mudança linguística em contextos sociais reais.

Contudo, um dos maiores desafios metodológicos, no que diz respeito a coleta de dados, é o chamado paradoxo do observador (Labov, 1972): como registrar a fala espontânea de um informante se a presença do pesquisador pode induzir um comportamento linguístico monitorado? Para contornar essa questão, técnicas de coleta de dados são desenvolvidas com o objetivo de criar um ambiente descontraído durante a entrevista. O uso de temáticas emocionais, como relatos pessoais, tende a reduzir o monitoramento da fala por parte dos informantes, permitindo o registro de dados mais representativos do vernáculo. No contexto brasileiro, a amostra coletada pelo Projeto NURC (Norma Urbana Culta) e a amostra Censo (1980 e 2000) PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) corroboram a relevância dos condicionamentos sociais na explicação da variação linguística. Todavia, a maior parte dos informantes dessas amostras está concentrada na região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro.

Em contrapartida, a cidade de Nova Iguaçu, localizada na Baixada Fluminense, desempenha um papel central nos estudos sociolinguísticos sobre a variedade urbana do português brasileiro com dois projetos distintos de corpora realizados a partir dos anos 2000. O primeiro projeto, focado na análise da concordância nominal e verbal, chamado de Concordância (Brandão e Vieira, 2012), tinha como intuito mapear três regiões metropolitanas: Rio de Janeiro, Lisboa e São Tomé. Para a constituição do *corpus*, as pesquisadoras selecionaram como representante da região metropolitana do Rio de Janeiro a cidade de Nova Iguaçu, devido à sua relevância populacional e social dentro da Baixada Fluminense. Ao todo, foram recolhidas 18 gravações, constituídas de DID (diálogo entre informante e documentador). Essa amostra foi estratificada da seguinte forma: faixa etária (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 a 75 anos), nível de escolaridade (fundamental – 2º segmento, médio e superior) e gênero (masculino e feminino). Da mesma forma, o segundo projeto, intitulado Projeto Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística (Vianna, 2019), teve como objetivo a constituição de um banco de dados que pudesse servir de base para futuras pesquisas sobre a variação e mudança linguística, além de promover um diálogo com outras iniciativas acadêmicas no estado do Rio de Janeiro. A amostra piloto previa a realização de 18 entrevistas sociolinguísticas, gravadas e transcritas entre 2015 e 2016. A composição da amostra considerou três critérios principais de estratificação: gênero (feminino e masculino), faixa etária (dividida em 18-35 anos, 36-55 anos e 56 anos ou mais) e nível de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior). Para garantir o equilíbrio da amostra, foram entrevistados dois informantes para cada combinação de faixa etária e escolaridade, sendo um homem e uma mulher. O banco de dados do projeto inclui, além

das entrevistas, fichas sociolinguísticas detalhadas para cada informante. Essas fichas registram informações essenciais, como idade, escolaridade, local de nascimento e residência, além de dados sobre ocupação e histórico de moradia. Também foram coletadas informações sobre a percepção do entrevistador a respeito da participação do informante, incluindo sua atitude durante a entrevista e o grau de espontaneidade na fala. Ambos os estudos adotaram uma abordagem metodológica rigorosa, baseada na coleta de entrevistas orais com falantes nativos, proporcionando uma visão detalhada do comportamento linguístico da população local. Assim, os corpora desenvolvidos para a cidade de Nova Iguaçu representam um avanço significativo para os estudos sociolinguísticos na Baixada Fluminense. No entanto, a falta de iniciativas semelhantes em outros municípios da região reforça a necessidade de ampliação de pesquisas, a fim de garantir uma visão mais completa da diversidade linguística presente em toda a área metropolitana do Rio de Janeiro.

Dessa forma, a constituição de bancos de dados representativos é uma prática fundamental para a pesquisa sociolinguística. A organização de corpora que incluam informações detalhadas sobre os informantes e os contextos de coleta permite a realização de estudos comparativos, tanto em nível regional quanto internacional. Nesse sentido, a Amostra Baixada-RJ surge com a finalidade de mapear mais uma região periférica e pouco estudada: a Baixada Fluminense, com o fito de incorporar nesse banco de dados, indivíduos com perfis sociais distintos daqueles já coletados nas amostras mais tradicionais.

BAIXADA FLUMINENSE: O CONTEXTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO

Embora existam diversas formas para se delimitar os limites da Baixada Fluminense, a mais abrangente a define como uma divisão territorial que ocupa a região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, sendo composta por treze municípios: Guapimirim, Magé, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Mesquita, Queimados, Japeri, Paracambi, Seropédica e Itaguaí. O mapa abaixo ilustra a sua configuração territorial:

Figura 1: Delimitação da Baixada Fluminense, região metropolitana e cidade do Rio de Janeiro



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Delimitacao-da-Baixada-Fluminense-regiao-metropolitana-e-cidade-do-Rio-de_fig1_364461487

Para entendermos acerca da realidade geográfica e econômica dessa região, coletamos alguns dados que retratam essas características sociais mais amplas. A tabela abaixo revela alguns dados socioeconômicos relevantes sobre os municípios que compõem a Baixada Fluminense. Os dados foram coletados pelos pesquisadores a partir de consulta ao site oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[1]. A soma de toda extensão territorial e população, e o cálculo da média do PIB per capita e do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) também foram realizados pelos próprios pesquisadores.

1 Conforme o site oficial do IBGE, as informações referentes: à (i) área territorial foram coletadas no ano de 2023; (ii) ao IDHM, foram coletadas no ano de 2010; (iii) ao PIB per capita foram coletadas no ano de 2021; e (iv) à população em habitantes foram coletadas no ano de 2022.

Tabela 01. Características sociogeográficas da Baixada Fluminense

Município	Área Territorial	IDHM	PIB per capita (R$)	População residente em habitantes
Belford Roxo	78,985 km²	0,680	17.156,71	483.087
Duque de Caxias	467,319 km²	0,711	57.170,07	808.161
Guapimirim	358,443 km²	0,698	21.920,68	51.696
Itaguaí	282,607 km²	0,715	76.916,73	116.841
Japeri	81,697 km²	0,659	14.395,69	96.289
Magé	390,775 km²	0,709	19.237,20	228.127
Mesquita	41,169 km²	0,737	14.796,57	167.127
Nilópolis	19,393 km²	0,753	18.782,18	146.774
Nova Iguaçu	520,581 km²	0,713	21.559,06	785.867
Paracambi	190,949 km²	0,720	21.902,80	41.375
Queimados	75,927 km²	0,680	28.636,92	140.523
São João de Meriti	35,216 km²	0,719	18.935,50	440.962
Seropédica	265,189 km²	0,713	56.977,34	80.596
Totais/Médias	2.808,25 km²	0,707	29.875,96	3.587.425

Fonte: Elaboração própria

Esses indicadores evidenciam que, apesar de a Baixada Fluminense possuir uma grande extensão territorial, com quase três mil quilômetros quadrados, e um alto número de residentes (cerca de três milhões e seiscentos mil habitantes), ela enfrenta desigualdades sociais e econômicas. Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)[2], o IDHM é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. Assim, quanto mais próximo a 1, maior o desenvolvimento humano naquele município. O PIB per capita é outro indicador importante que revela a divisão entre o Produto Interno Bruto de um município com seu número de habitantes.

Ao compararmos esses indicadores com a cidade do Rio de Janeiro, percebemos que esses números refletem uma profunda desigualdade social. Os municípios de Belford Roxo, Japeri e Queimados possuem um IDHM abaixo de 0,7, enquanto o município do Rio de Janeiro (doravante RJ) possui o número de 0,799 nesse indicador. A média do PIB per capita de todos os municípios da Baixada Fluminense é de R$29.875,96, um número muito inferior aos R$53.078,23 do RJ. Além disso, muitos municípios da

2 Maiores informações acessem: PNUD BRASIL. **O que é o IDHM**. Brasília, DF: PNUD, [s.d.]. Disponível em: https://www.undp.org/pt/brazil/o-que-e-o-idhm. Acesso em: fev. 2025

Baixada Fluminense possuem um PIB per capita inferior a R$20.000 (e.g. Japeri, Mesquita e Nilópolis), evidenciando ainda mais as questões de desigualdade e pobreza nesse espaço. O problema ainda se agrava quando comparamos esses dados com municípios de outros estados. O município de Campinas, por exemplo, no interior do estado de São Paulo, possui um IDHM de 0,805 e um PIB per capita de R$59.634,21.

Outro fator importante sobre a Baixada Fluminense é sua grande variedade geográfica, sendo composta de espaços urbanos, com características bem próximas a bairros da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro; de espaços rurais, onde há presença de vegetação abundante, pastos, animais de criação, e transportes alternativos como charretes; e espaços rurais e urbanos (rururbanos), que se formam a partir da união dos elementos desses dois contextos.

O município de Nova Iguaçu, um dos maiores em extensão territorial e atividade econômica, por exemplo, ilustra bem esse fato, uma vez que possui um centro comercial forte e bastante urbanizado, englobando, nesse espaço, indivíduos com maior concentração de renda. A própria caracterização urbana do centro dessa cidade possui locais que são frequentados apenas por esse grupo: os restaurantes, bares e outros espaços para lazer são precificados de maneira análoga a bairros da cidade do Rio de Janeiro que abarcam indivíduos das classes média-média e média-alta. Em contrapartida, o mesmo município possui espaços majoritariamente compostos por indivíduos de baixa renda, com características rurais, em cidades que, por exemplo, possuem apenas um mercado, um centro comercial pequeno e baixa atividade econômica. Essa dualidade é conhecida pelos iguaçuanos como “lado de cá” e “lado de lá” tendo como referencial a linha ferroviária que divide o município.

Segundo os dados do Sebrae (2016), como principais atividades econômicas, destacam-se as atividades de serviço e comércio (53,9%) e administração pública (30,5%). A Baixada Fluminense representa cerca de 11% do PIB do Estado do Rio de Janeiro, sendo o município de Duque de Caxias com maior participação nas atividades de comércio e serviço e geração de renda.

Além disso, a Baixada Fluminense possui um quadro populacional que representa cerca de 23% da população do estado do Rio de Janeiro (Sebrae, 2014) e cerca de 69% desses indivíduos se declaram pretos ou pardos (Extra, 2024). Com um número populacional tão alto e sendo um espaço que comporta diversos estratos sociais, há de se esperar que esses indivíduos ocupem diferentes posições na tessitura social, muitos se deslocando diariamente para os grandes centros urbanos do Rio de Janeiro,

para seus empregos formais ou até mesmo informais, como autônomos na função de diaristas, cuidadores e pedreiros (SEBRAE, 2013).

Ainda que a Baixada Fluminense possa ser definida a partir de suas características econômicas e geográficas, fatores históricos e sociais no seu processo de formação contribuem para uma definição mais assertiva deste espaço, que pode ser considerado tanto uma periferia geográfica (às margens da cidade do Rio de Janeiro), quanto social (marcada por processos históricos de exclusão e marginalização).

Ao olharmos para a construção histórica da Baixada, observamos, desde suas origens, uma história marcada por profundas transformações econômicas, sociais e políticas. A Baixada é um exemplo paradigmático da interação entre processos globais de urbanização e as dinâmicas locais de ocupação territorial, identidade e lutas sociais. Ao longo de sua história, desempenhou papéis diversos em diferentes contextos econômicos e políticos. Desde os primórdios da colonização portuguesa, suas terras serviram como corredores de transporte e produção agrícola, conectando o litoral ao interior do país. No entanto, foi no século XX, com a expansão das ferrovias e o crescimento da área metropolitana do Rio de Janeiro, que a região experimentou uma transformação significativa em seu tecido urbano e social. O modelo de urbanização adotado, caracterizado por loteamentos populares nas proximidades das estações ferroviárias, contribuiu para a formação de um espaço profundamente desigual, em que a segregação socioespacial se tornou um elemento estrutural.

Definir o que é a Baixada Fluminense, entretanto, não é uma tarefa simples. Conforme aponta Simões (2006), não existe um consenso definitivo sobre seus limites geográficos ou administrativos. Autores divergem quanto à inclusão de determinados municípios, como Magé, Guapimirim, Itaguaí, Seropédica e Paracambi. Ainda assim, há unanimidade em reconhecer Nova Iguaçu e Duque de Caxias como os "núcleos" da região, acompanhados por seus "satélites" imediatos: Belford Roxo, São João de Meriti, Nilópolis, Mesquita, Queimados e Japeri. Dessa forma, compreender a Baixada Fluminense exige uma análise integrada de seus aspectos históricos, econômicos e culturais. Não se trata apenas de um espaço geográfico delimitado, mas de um território dinâmico, atravessado por contradições e distintas potencialidades. Para entendermos as especificidades do território baixadense, é relevante apontar suas origens, destacando como se constituiu o processo de urbanização, que serão abordados na próxima seção.

A BAIXADA FLUMINENSE: DAS ORIGENS AO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

A Baixada Fluminense tem suas raízes históricas no período colonial, quando era um ponto estratégico de passagem entre as Minas Gerais e o porto do Rio de Janeiro. A construção de caminhos como o de Garcia Paes Leme (1699–1704), que conectava o Rio de Janeiro à Serra do Mar, consolidou a região como parte da rota para o escoamento de riquezas como ouro e, posteriormente, café. Esses trajetos deram origem a pequenos núcleos urbanos ao longo das vias e reforçaram a dependência econômica e política da Baixada em relação à capital.

Com o ciclo do café no século XIX, a importância da região aumentou, mas de forma secundária. Projetos como a Estrada Real do Comércio (1811–1822) e a Estrada de Ferro Dom Pedro II (iniciada em 1855) estruturaram a Baixada como um território intermediário para o transporte de mercadorias. No entanto, a falta de condições naturais adequadas, como clima e solo, impediu que o café prosperasse na região. Isso deixou a economia local restrita ao papel de conexão entre o Vale do Paraíba e o porto do Rio de Janeiro.

Posteriormente, no início do Século XX, especialmente devido às reformas urbanas promovidas pelo prefeito Pereira Passos no Rio de Janeiro, entre 1903 e 1906, marcou um ponto de inflexão na história da Baixada Fluminense. Essas reformas tinham como objetivo modernizar o centro da capital, inspiradas nos modelos europeus, e incluíram a abertura de avenidas, como a Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), além da demolição de cortiços e outras habitações populares consideradas insalubres.

A demolição de cortiços, como o famoso Cabeça de Porco, em 1893, foi um marco simbólico desse processo (Simões, 2006). Sob o pretexto higienista, essas ações visavam recuperar o centro para as elites, tanto para uso residencial quanto para negócios lucrativos. Contudo, a remoção das populações pobres não foi acompanhada por políticas de realocação efetivas. Assim, muitos dos antigos moradores foram empurrados para áreas periféricas, como as margens da Baixada Fluminense, onde começaram a surgir novas formas de habitação, como as favelas e os loteamentos populares. Esse deslocamento forçado das populações pobres foi um fator central para o surgimento de padrões de habitação precária na Baixada, estabelecendo um modelo de urbanização periférica que consolidou a região como um espaço de mar-

ginalização econômica. Essa urbanização da Baixada Fluminense foi amplamente facilitada pela expansão da Estrada de Ferro Central do Brasil, especialmente com a eletrificação do ramal Japeri, iniciada no final da década de 1930 e consolidada nas décadas seguintes. A ferrovia, que inicialmente tinha como foco o transporte de cargas, passou a ter um papel fundamental no deslocamento de trabalhadores entre as regiões periféricas e a capital.

Essa nova dinâmica de transporte permitiu que os loteamentos populares surgissem em áreas anteriormente rurais, especialmente ao longo das vias férreas e das estradas vicinais utilizadas no transporte agrícola. Contribuindo com esse cenário, a partir da década de 1950, com a crise da citricultura devido à Segunda Guerra Mundial e a consequente conversão de terras agrícolas em áreas urbanas, localidades como Nova Iguaçu e Queimados começaram a se transformar em núcleos urbanos. Esses espaços eram ocupados majoritariamente por populações de baixa renda, que, sem acesso a políticas habitacionais, utilizavam a autoconstrução para estabelecer suas residências. A escolha desse modelo de construção não é por acaso, sendo uma marca da ausência do poder público. Segundo Simões:

> A autoconstrução é um resquício de estruturas econômicas pretéritas, vista como uma forma pré-capitalista de adquirir uma habitação. No entanto, a sua permanência no sistema capitalista até os dias de hoje, em pleno século XXI, só é possível porque as condições estruturais, sociais e econômicas deste sistema permitem. Logo, ela tem de ser vista como a solução principal para acomodar os pobres na cidade e como inerente ao modelo do desenvolvimento capitalista dependente brasileiro e não uma forma passageira e marginal de produção da habitação. (Simões, 2006, p. 126)

Desse modo, a autoconstrução representa não apenas uma alternativa emergencial para os mais pobres, mas também uma forma de sobrevivência em um sistema urbano excludente e concentrador de renda e serviços, que criou raízes no cenário sociopolítico da Baixada Fluminense, refletindo esse histórico de contradições. Embora continue sendo uma área de intensa integração com a capital, especialmente por meio do transporte ferroviário, a região ainda enfrenta desafios relacionados à infraestrutura urbana e à inclusão social. Esse legado, iniciado com as transformações do início do século XX, é essencial para entender o papel da Baixada no contexto metropolitano do Rio de Janeiro enquanto uma periferia geográfica e social.

POR QUE UMA AMOSTRA DE FALA DA BAIXADA FLUMINENSE?

Se perguntássemos despretensiosamente para um falante brasileiro sobre o que caracteriza a fala de determinada região do Brasil, frequentemente receberíamos respostas como: "Carioca fala chiando!"; "As pessoas 'do interior' 'puxam' o R."; "Baiano fala arrastado." Esses exemplos ilustram como a nossa variedade dialetal também constrói nossa identidade individual e coletiva, uma vez que a escolha (consciente ou não) de determinadas variantes pode indicar o pertencimento a um determinado grupo social. Da mesma forma, essa escolha também vai refletir na forma como os outros indivíduos nos avaliam socialmente.

Anteriormente, discutimos sobre o problema da avaliação, um dos cinco problemas seminais propostos por Weinreich, Labov e Herzog para uma teoria de variação e mudança. O problema da avaliação tem como questão central a forma como os falantes julgam as variantes linguísticas em seu contexto social e cultural. Assim, sob essa perspectiva, a tarefa do linguista é investigar por que os falantes atribuem prestígio ou estigma a determinadas variantes e como as avaliações linguísticas se articulam com valores identitários e grupos sociais.

O trabalho de Labov (1972) em Martha's Vineyard[3] postula uma forte relação entre língua e identidade. Neste estudo, o linguista entrevistou os falantes locais de diferentes faixas etárias e ocupações, analisando seus padrões de fala e a relação de cada informante com a preservação dos costumes e tradições locais. Os resultados mostraram que os falantes que tinham um forte sentimento de pertencimento à ilha e desejavam preservar a cultura local, tendiam a manter os padrões de fala tradicionais, enquanto os jovens que planejavam sair da ilha, ou se identificavam mais com os turistas, adotavam variantes linguísticas menos tradicionais e mais próximas do padrão americano. Além disso, ele observou que os nativos da ilha (pescadores e membros de famílias tradicionais) eram muito mais propensos a manter as variantes locais como uma forma de afirmação de identidade. Assim, o estudo demonstrou que a variação linguística não é apenas uma questão estrutural da língua, mas uma escolha consciente ou inconsciente que refletia o desejo de pertencimento e resistência cultural.

3 Martha's Vineyard é uma ilha localizada na costa do estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, ao sul de Cape Cod. Conhecida por sua beleza natural, praias pitorescas e vilarejos charmosos, a ilha tem sido um destino popular para turismo e residência sazonal de famílias influentes. Só é possível acessar a ilha por via marítima e suas maiores atividades econômicas são o turismo e a pesca baleeira. Além disso, a ilha possui grupos étnicos distintos, sendo alguns deles bem tradicionais, descendentes das famílias inglesas que colonizaram esse espaço. (Labov, 1972)

Os falantes usam a língua para afirmar suas identidades e se posicionar socialmente como no caso das variedades étnicas, por exemplo, African-American English (AAE).

Dessa forma, se a maneira como nos enxergamos molda as nossas escolhas linguísticas, como um falante baixadense se posiciona linguisticamente? O mapeamento da região da Baixada Fluminense ajuda a investigar como se constrói a identidade sociolinguística desses indivíduos periféricos que muitas vezes experienciam dinâmicas diferentes de indivíduos inseridos dentro dos grandes centros urbanos.

A AMOSTRA BAIXADA: MÉTODOS E MATERIAIS

A Amostra Baixada é um *corpus* em construção, com dados de fala espontânea, constituída por nativos e residentes da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. A pesquisa e a coleta de dados foram aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 78895424.4.0000.5582, posteriormente, integrada ao acervo do PEUL/UFRJ com o nome de Amostra Baixada. Até o presente momento, ela comporta falantes dos municípios de Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Iguaçu e Magé, entretanto espera-se ampliar a amostra, a fim de incluir falantes de todos os municípios.

A coleta dos dados segue os padrões estabelecidos pela Sociolinguística Variacionista. Os pesquisadores se dirigem até o local de encontro com o entrevistado, buscando que esse local seja familiar e silencioso. A intenção é que o falante se sinta o mais confortável possível, simulando um contexto de entrevista informal, para que assim possa ser acessada a fala vernacular do participante. Essa metodologia descrita por Labov (1972), visa minimizar o paradoxo do observador, simulando situações comunicativas naturais e espontâneas. A escolha de um local fechado e silencioso teve como objetivo minimizar os possíveis ruídos que possam ocorrer por parte de interações de indivíduos não participantes com o meio, prejudicando, dessa forma, a qualidade do áudio das gravações. Para realizar as gravações, foi utilizado o gravador digital. Além disso, no momento da coleta, é oferecido, para assinatura do participante, o RCLE (Registro de Consentimento Livre e Esclarecido), documento responsável por validar a ética da coleta de dados, bem como fornecer informações gerais sobre a pesquisa e os direitos éticos desses informantes.

Outro ponto importante no que diz respeito às entrevistas sociolinguísticas se relaciona com os tópicos que são abordados na conversa. Tradicionalmente, a metodologia laboviana orienta que o roteiro da entrevista contenha temáticas que promovam um maior envolvimento afetivo por parte do entrevistado, desse modo, evitando que o falante direcione sua atenção para a maneira que fala. Dessa forma, o roteiro de entrevista da Amostra Baixada foi elaborado buscando atingir esse objetivo. Primeiramente, é coletada uma breve ficha social do participante: é perguntado seu nome completo, sua idade, se nasceu e reside na Baixada, e se suas atividades de lazer e trabalho ocorrem dentro ou fora da Baixada. Depois, é realizado um questionário sobre assuntos gerais que envolvem a opinião do entrevistado sobre temas como violência, saúde, educação e gostos pessoais. Ainda que a entrevista seja realizada baseando-se em um roteiro, os pesquisadores buscam sempre aproveitar e estimular os tópicos apresentados pelos próprios participantes, valorizando as narrativas pessoais, uma vez que eles se sentem mais engajados e confortáveis para falar sobre assuntos que conhecem e, consequentemente, monitoram-se menos.

O quadro abaixo exemplifica alguns pontos abordados pelo questionário da Amostra Baixada:

Quadro 01 – Questionário base para a realização das entrevistas sociolinguísticas da Amostra Baixada-RJ

Data de nascimento: Onde mora?
Mora com quem? Tem filhos? () não ( ) sim Quantos? _____
Escolaridade: Sua profissão: Já trabalhou com/em outra coisa?
Outras pessoas da sua casa trabalham fora?
Você sempre morou na Baixada?
Como é a sua vida na Baixada Fluminense?
Você costuma voltar para visitar sua cidade? Com que frequência? Você acha que alguma coisa mudou em sua cidade desde que você saiu de lá?
O que você faz para se divertir? Em qual local você se diverte?

contínua

Qual o seu estilo de música preferido?
Você tem alguma religião?
Qual a sua comida preferida?
· Tem alguma comida que você não come de jeito nenhum?
· Você sabe cozinhar? O que você gosta de cozinhar?
· Conte como você faz o seu prato principal (ou como você gosta que seja o seu prato principal)
Você torce por algum time de futebol? Qual?
· Tem algum esporte de que você goste?
Como é a sua relação com seus vizinhos?
O que os seus vizinhos fazem para se divertir?
Tem alguma coisa que possa ser melhorada no lugar onde você mora? O quê?
· O que o governo pode fazer?
Como são as escolas pelas quais você passou?
Como é a sua rotina no trabalho?
Você já passou por algum perigo enquanto trabalhava? (ou que você saiba de algum colega de profissão)
Você acompanha alguma novela ou seriado?
· Tem algum seriado/novela de que você mais tenha gostado?
· Conte um pouco do final de uma novela (ou de um filme) que tenha te marcado
· Você tem um personagem de novela (ou filme) preferido? Por que ele/a é seu preferido/a?
Você já viveu um episódio de perigo de vida/morte?

contínua

A violência atrapalha seu cotidiano?
· E o dia a dia na escola?
· Se você morasse em outro lugar, o seu desenvolvimento na escola seria melhor?
Por que existe pobreza no mundo?
Se um gênio da lâmpada aparecesse aqui e dissesse que você teria três desejos realizados, que desejos seriam?
· Você acha que o seu voto é importante?
· Os políticos representam a vontade do povo? (resposta negativa) O que você sugere para resolver esse problema?
· Qual a importância do meio ambiente para nossas vidas? Como preservar o meio ambiente?

Fonte: Elaboração própria.

Sobre a estratificação da amostra, costumeiramente nos estudos de produção sociolinguísticos, não se analisa somente os dados linguísticos discretos (e.g fonológicos, morfológicos, sintáticos etc.). A investigação sociolinguística também se preocupa em como categorias macrossociais contribuem para a produção do fenômeno linguístico estudado. Desse modo, a Amostra Baixada segue os padrões de categorização das amostras Censo 1980 e 2000, anteriormente citadas, a fim de que sejam estabelecidos critérios de comparação neutralizados entre diferentes amostras.

A estratificação da Amostra Baixada segue os seguintes parâmetros:

(a) três faixas etárias (18 a 29 anos; 30 a 49 anos; acima de 50 anos);

(b) três níveis de escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior);

(c) sexo (masculino e feminino).

A tabela abaixo ilustra a distribuição atual de falantes por perfil da Amostra Baixada-RJ:

Tabela 02 – Composição da Amostra Baixada-RJ no segundo semestre do ano de 2024

Distribuição da Amostra Baixada							
	Fundamental		Médio		Superior		
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
18-29 anos	0	0	2	2	2	0	6
30-49 anos	0	0	0	0	2	2	4
> 50 anos	0	1	0	0	1	1	3
Total							13

Fonte: Elaboração própria

Pretende-se ampliar o conjunto de informantes para alcançar uma compreensão mais abrangente dos fenômenos linguísticos da região. Nesse sentido, a ampliação permitirá um exame mais detalhado das interações entre mobilidade social, escolaridade e práticas linguísticas, além de fornecer uma base mais robusta para identificar padrões de variação e mudança ao longo das faixas etárias. Com isso, será possível aprofundar a investigação sobre as dinâmicas de prestígio e estigma, analisando como diferentes grupos sociais adotam ou resistem a determinadas variantes linguísticas.

RESULTADOS PRELIMINARES

Esta seção tem a finalidade de descrever um estudo preliminar que analisou o fenômeno variável do uso de /s/ em posição de coda silábica — a variável sociolinguística coda (s) — utilizando dados coletados a partir da Amostra Baixada-RJ[4][5]. Além disso, serão apresentados os resultados para a mesma variável na capital carioca.

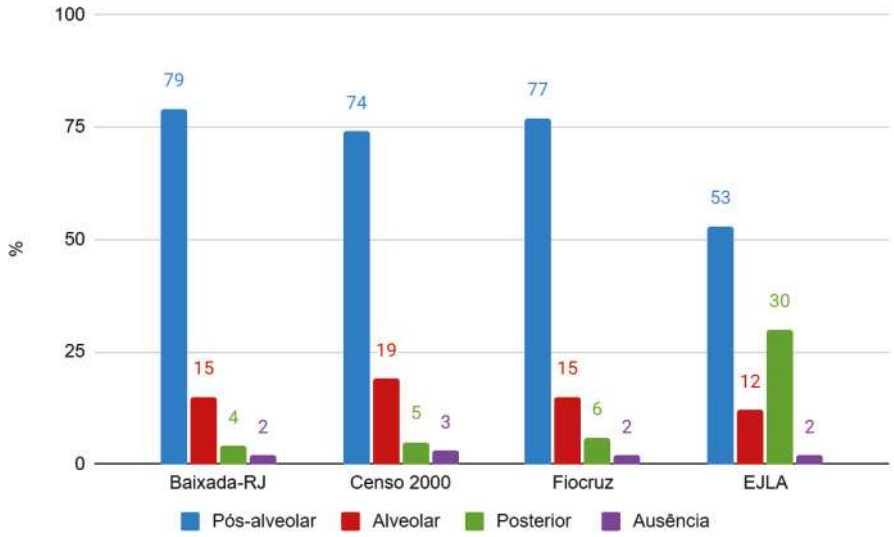
Sobre a variedade carioca, os estudos envolvendo a capital do Rio de Janeiro (Scherre e Macedo, 2000; Melo, 2012; Melo, 2017) mostram que a variável coda (s) é produzida majoritariamente como uma fricativa pós-alveolar – me[ʒ]mo, pa[ʃ]ta – caracterizando a fala chiada do carioca. Entretanto, é possível notar, nessa mesma varie-

4 Esses resultados correspondem a uma análise preliminar realizada no segundo semestre do ano de 2024. Para uma análise completa, ver "Um estudo sobre a variação da coda (s) com falantes da Baixada Fluminense – RJ" (Gregório, 2026).

5 Para mais estudos com dados coletados a partir da Amostra Baixada-RJ, ver "Sândi vocálico externo à luz da Sociolinguística Variacionista: uma análise da fala da Baixada Fluminense/RJ" (Carvalho, 2026)

dade dialetal, outras variantes como a fricativa posterior, geralmente realizada como uma glotal aspirada, semelhante às palavras *honey* ou *horse* do inglês. Ao investigar falantes socialmente excluídos, Melo (2017) observou que a variante glotal é avaliada negativamente por falantes com algum tipo de inserção social, enquanto falantes excluídos socialmente não fazem distinção entre a variante pós-alveolar e glotal. Desse modo, a variante parece indexar um certo grau de estigma que é frequentemente associado a falantes menos escolarizados, de classe social baixa e oriundos de regiões periféricas, como as favelas e a Baixada. De maneira análoga, os estudos preliminares com a Amostra Baixada-RJ revelam percentuais de produção bem próximos aos observados por Melo (2012, 2017) em outras amostras. O Gráfico 01 ilustra a proporção das diferentes variantes em quatro amostras distintas (Baixada-RJ, Censo 2000, Fiocruz e EJLA):

Gráfico 01 – Proporção de realização da coda (s) em diferentes amostras de fala coletadas no município do Rio de Janeiro



Fonte: Elaboração própria

Conforme observado, a variante pós-alveolar é a mais realizada em todas as amostras, contudo, os falantes da amostra EJLA, realizam mais a variante posterior (glotal). Assim como discutido anteriormente, o maior índice de produção da fricativa posterior se relaciona com o perfil social do falante, uma vez que os falantes das demais amostras, por mais que não possuam a mesma origem social, possuem graus de

inserção social bem próximos, gozando de acesso à escolarização regular, empregos no mercado formal e frequentam os mesmos espaços que a classe média urbana.Também foi observado que a produção da variante glotal é motivada por aspectos estruturais (fonológicos)[6]. Nesse sentido, a ocorrência dessa variante é mais comum quando o contexto seguinte à coda é um segmento vozeado, independentemente de suas características articulatórias (nasal, obstruinte, fricativa, lateral), embora, poucas vezes, também ocorra ante segmentos desvozeados.

Ainda que os falantes com maior inserção social tendam a se afastar do estigma associado a variante glotal, seu forte condicionamento estrutural torna essa variante muito recorrente na variedade carioca. Em contextos formais, como seminários e aulas ministrados por falantes da variedade carioca, é comum ouvir essa variante ser produzida por falantes altamente escolarizados. Ainda, entrevistas realizadas na década de 1970 disponíveis no *Youtube,* com moradores de Santa Teresa, um dos bairros mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro, registram essa variante há no mínimo cinco décadas.

Dessa forma, é evidente que ainda são necessárias mais pesquisas para investigar questões ligadas ao comportamento linguístico de um falante periférico e o quanto questões de estigma e prestígio interferem nesse comportamento, que acarreta não só preconceito linguístico, mas também preconceito direcionado a esses espaços e a esses falantes.

CONCLUSÃO

A documentação sociolinguística da Baixada Fluminense evidencia que as práticas de linguagem locais estão diretamente associadas ao panorama histórico, geográfico e social da região, o que se afasta de visões que homogeneízam a fala periférica. O trânsito diário e a forte ligação com a capital do Rio de Janeiro alimentam um circuito de influências mútuas, promovendo um contato contínuo se manifesta na alternância entre variantes linguísticas que carregam diferentes graus de prestígio ou estigma no cotidiano da comunidade.

6 As questões de natureza estrutural da variável são descritas em “Um estudo sobre a variação da coda (s) com falantes da Baixada Fluminense – RJ” (Gregório, 2026).

A consolidação desse banco de dados responde à necessidade de incluir sujeitos historicamente marginalizados nas pesquisas da área, uma vez que a maioria dos *corpora* tradicionais priorizou as classes médias urbanas da capital, conforme os projetos anteriormente mencionados. Para além do mapeamento descritivo da variação, os dados auxiliam no combate ao preconceito linguístico ao demonstrar que os usos da fala não ocorrem ao acaso. Alinhando-se às investigações clássicas de Labov, a fala do baixadense pode funcionar como um índice de pertencimento territorial e social, no qual a escolha entre diferentes formas reflete o tensionamento sutil entre as restrições estruturais da própria língua e o posicionamento do indivíduo na malha socioeconômica do Estado do Rio de Janeiro, que é extremamente marcada por dicotomias.

Como a Amostra Baixada representa um passo inicial, os resultados pavimentam o caminho para investigações futuras que devem expandir o projeto em múltiplos horizontes. Mostra-se importante ampliar as coletas de dados para cobrir os municípios restantes e abarcar uma maior diversidade de perfis sociolinguísticos. Além disso, o banco de dados abre espaço para avançar além da análise fonética, permitindo investigar fenômenos de ordem morfossintática e discursiva, bem como avaliar o julgamento dos próprios falantes e as representações sociais que geram a estigmatização ou valorização das variantes locais.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 56, p. 1035-1064, 2012.

EXTRA. Cerca de 69% da população da Baixada Fluminense se declara preta ou parda, aponta Censo do IBGE. Disponível em: https://extra.globo.com/rio/noticia/2024/01/cerca-de-69percent-da-populacao-da-baixada-fluminense-se-declara-preta-ou-parda-aponta-censo-do-ibge.ghtml. Acesso em: 15 jan. 2025.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, M. A. de. *Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala*: um estudo sobre a fricativa em coda na comunidade de fala do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MELO, M. A. *Direcionalidade da mudança sonora*: o papel do item lexical e da avaliação social. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MELO, M. A. *Percepção da Variação da Coda (S) na Comunidade de Fala do Rio de Janeiro*: acessando o significado social da variante fricativa posterior. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PNUD BRASIL. *O que é o IDHM*. Disponível em: https://www.undp.org/pt/brazil/o-que-e-o-idhm. Acesso em: 15 fev. 2025.

SCHERRE, M.; MACEDO, A. Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -S pós-vocálico no Rio de Janeiro. In: MOLLICA, M.; MARTELLOTA M.(orgs.). Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações - FL/UFRJ, 2000, p.26-51.

SEBRAE. *Mobilidade urbana e mercado de trabalho na Região Metropolitana do Rio de Janeiro*: estudo estratégico. Disponível em: https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Menu%20Institucional/SEBRAE_EPG_set13_mob_urb_merc_trab_rj.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.

SEBRAE. *Painel Regional*: Baixada Fluminense. Disponível em: https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RJ/Anexos/SebraePainel_BaixadaFluminense.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *A cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense*. 2010. 297 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. O português falado em Nova Iguaçu: proposta de constituição de uma amostra de língua oral. *LABORHISTÓRICO*, v. 5, p. 39-63, 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.